

MULHERES NAS “ESQUINAS” VIRTUAIS diálogos sobre famílias e expectativas socioeconômicas

Jennefer Portela de Sales⁴⁷
Maria Angelica Motta-Maués⁴⁸
Telma Amaral Gonçalves⁴⁹

Resumo

O presente artigo refere-se ao recorte de minha pesquisa de mestrado, acerca do uso de plataformas digitais, por mulheres, com vistas aos intercâmbios sexuais e econômicos. A narrativa analítica da referida pesquisa, é fundamentada a partir do encontro etnográfico com três mulheres com faixa etária de 24 a 35 anos, residentes na cidade de Belém do Pará, bem como da observação das plataformas digitais utilizadas por elas como “esquinas”, no período de dezembro de 2018 a setembro de 2021. Este artigo, pretende discorrer acerca das relações

⁴⁷ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA), da Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduação em Ciências Sociais, pela Universidade da Amazônia (UNAMA), especialização em Metodologia da Pesquisa Científica, pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), aperfeiçoamento em Gênero e Diversidade na Escola pela UFPA. Colaboradora do grupo de estudos e pesquisas com crianças infâncias e juventudes (JUERÊ). Currículo Lattes: < <http://lattes.cnpq.br/7484001254142031> >

⁴⁸ Doutora em Sociologia pelo IUPERJ (Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro) e mestre em Antropologia pela UnB. Professora Aposentada da UFPA (Universidade Federal do Pará). Professora Permanente do PPGCS (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais) da UFPA (Universidade Federal do Pará), pesquisadora do Grupo de estudos e pesquisa Eneida de Moraes (GEPEM). Currículo Lattes: < <http://lattes.cnpq.br/7861116876230464> >

⁴⁹ Doutora em Ciências Sociais pela UFPA e mestre em Antropologia pela UFPA. Professora da Faculdade de Ciências Sociais da UFPA e Docente colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA). Pesquisadora do Grupo de estudos e pesquisas Eneida de Moraes (GEPEM) e líder do grupo de estudos e pesquisas com crianças infâncias e juventudes (JUERÊ). Currículo Lattes: < <http://lattes.cnpq.br/7335593537033167> >

estabelecidas entre as interlocutoras com suas famílias, o aspecto econômico e a busca por autonomia financeira como propulsores para o ingresso nos intercâmbios sexuais e econômicos negociados em aplicativos e demais plataformas digitais⁵⁰.

Palavras-chave: Intercâmbios sexuais e econômicos; Família; Gênero.

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo são abordados resultados parciais da pesquisa para dissertação de mestrado, especialmente acerca das relações estabelecidas entre Maia, Ímola e Melody⁵¹, interlocutoras do estudo, e suas respectivas famílias, o aspecto econômico, bem como a busca por autonomia financeira como propulsores para o ingresso nos intercâmbios sexuais e econômicos negociados em aplicativos e demais plataformas digitais, que chamo de “esquinas” virtuais. As interlocutoras têm entre 24 e 35 anos, são moradoras de bairros ditos periféricos em Belém do Pará. São graduadas e duas delas com pós-graduação. Busco, aqui, apontar alguns elementos de suas falas, acerca de como se desenham suas famílias e de que modo tal desenho contribuiu com suas construções identitárias e o desenho de suas trajetórias de vida, bem como, texto, trazer elementos das narrativas das mulheres que protagonizaram a pesquisa, dialogando com autoras que contribuem para reflexionar suas vivências em relação ao contexto social em que estão inseridas, trazendo aspectos relacionados aos modos como o primeiro espaço de sociabilidade, a família, marcam suas trajetórias, inclusive a figura da mãe na trajetórias das três mulheres.

2. “MINHA MÃE NÃO É MINHA REFERÊNCIA DE MULHER”⁵²: GAROTAS⁵³, FAMÍLIA E SOCIABILIDADES

⁵⁰As “esquinas” virtuais.

⁵¹ Tais nomes são fictícios, Ímola e Melody, são nomes já utilizados por elas em seus trânsitos nas esquinas, Maia solicitou que eu escolhesse um para referi-la, posto que a garantia do anonimato é um direito reservado às interlocutoras.

⁵² Trecho da fala de Melody.

⁵³ Expressão mencionada por Ímola, acerca de sua prática nos intercâmbios sexuais e econômicos.



Cada fala revela nuances de vivências, sociabilidades e histórias com suas peculiaridades e aproximações, com aspectos que permitem perceber qual classe social ocupam e suas trajetórias acadêmicas. As tensões que ensejam a figura da mãe, apresentam-se de forma mais significativa e sugerem a relevância em refletir sobre traços de si e de suas trajetórias, juntamente com elas e partindo de suas relações familiares. A família se apresenta como o primeiro ambiente de sociabilidade de um indivíduo, institucionalizada pela sociedade, a qual lhe atribui uma função de grupo social, é também uma rede de sociabilidade que se preocupa em transmitir valores e moral que “devem” orientar as ações de seus descendentes para transitar na sociedade, seja nas relações interpessoais, seja nas institucionais.

Sua composição varia de acordo com a região, o tempo, a cultura, no entanto, em se tratando do ocidente, mais especificamente do Brasil, de acordo com o projeto civilizatório⁵⁴, o modelo padrão de família⁵⁵ é ancorado na lógica patriarcal. Mesmo tendo havido expressivas transformações sociais e de gênero no Brasil nas últimas décadas, a divisão sexual do trabalho nas relações conjugais opera comumente de maneira tradicional, e isto significa que o trabalho doméstico e reprodutivo é atribuído à mulher; aos homens caberia a responsabilidade de desempenhar um trabalho remunerado e prover a família. Lia Zanotta (2001), aponta a existência do “contrato conjugal tradicional”, de acordo com o qual o homem deve sustentar a família, em troca disto, a mulher lhe deve exclusividade sexual; tal modelo é também refletido pela perspectiva da “reciprocidade” (Fonseca 2004). Mesmo que este modelo não se atualize, é ele que está presente na concepção, na ideia de família entre nós.

Melody revela um questionamento acerca da postura de sua mãe, que reproduz o modelo difundido como padrão. Em suas palavras:

⁵⁴ Considerando o período colonial a mulher sendo vista como objeto “fundamental”, objeto útil: “[...] Com relação ao Brasil, que o diga o ditado: ‘Branca para casar, mulata para fornicar, negra para trabalhar’; ditado em que se sente, ao lado do convencionalismo social da superioridade da mulher branca e da inferioridade da preta, a preferência sexual pela mulata...” (Freyre 2006:72).

⁵⁵ Sobre os desafios em refletir e estudar acerca dos modelos familiares diversos, que “extrapolam o modelo nuclear de família, como baixa renda, camadas médias e “o desafio de conceber a alteridade em relação às configurações de famílias em suas próprias sociedades ver Velho 1987; Sarti 1996; Vaitsman 1994; Salem 1989.

minha mãe não é minha referência de mulher [...] não estudou, não tem nem o ensino médio, ela não é meu reflexo, eu nunca quis depender de ninguém, meu modelo de mulher não é o que a minha mãe quis pra ela, depender dos outros achando que tudo dura pra sempre, a gente pode estar bem agora, mas precisa pensar no futuro (Trecho de entrevista em 11/12/18).

Sua trajetória se desenha diferentemente da de sua mãe e de seu pai, que não concluíram o ensino básico, especialmente sua mãe, que além de não ter “*continuado os estudos*”, não teve experiências profissionais, sempre cuidou da casa e dos filhos, prática criticada por Melody; para ela, sua mãe nunca “*trabalhou*”, não atuou em atividade remunerada, como ela diz, “sempre dependeu do meu pai”. Sua fala, se coaduna com algumas narrativas comuns na sociedade, ensejando a invisibilidade e desvalorização do trabalho doméstico, sua trajetória é construída com a finalidade de se distanciar dessa realidade. “*Eu tô na batalha*”, Melody afirma, ao enfatizar seu esforço em construir um novo caminho.

As práticas de Melody, bem como de Maia, de se distanciar da trajetória de sua mãe que são “donas de casa”, coadunam-se com a histórica desvalorização dessa atividade, referida pela Historiadora Silvia Federici (2017) como trabalho reprodutivo. A referida historiadora desenvolveu largo estudo acerca das bases para o surgimento do capitalismo, a partir da história das mulheres nessa transição (feudalismo para capitalismo); para ela, sem a reclusão, o enclausuramento da mulher não haveria acúmulo de capital, o que nem Marx fora capaz de perceber. Federici aponta que a produção para o mercado que é convertido em trabalho remunerado (assalariado) realizado predominantemente pelos homens e a reprodução da vida, da própria força de trabalho, sendo este não pago, atribuído às mulheres, no qual se assenta o pilar para exploração dos trabalhadores, seria a “*escravidão do salário*” (Costa 1972:31 *apud* Federici 2017:16).

Para Federici, o capital se utiliza da ideia de amor para sujeição das mulheres ao trabalho não remunerado; sua remuneração representaria uma revolução, ao descortinar a opressão vivenciada pelas mulheres “donas de casa”, forçando a releitura dos papéis e da divisão sexual do trabalho.

Considerando as relações intergeracionais⁵⁶, associadas ao questionamento sobre a trajetória de sua mãe e a relação de seus pais, deixa-se entrever o desejo nutrido por Melody de ir para além do lar, do ambiente privado, e justifica sua busca por autonomia financeira como impulsionadora para suas ações, seja estudando, seja em trocas econômicas⁵⁷, inclusive sexuais, assim como o fazem Maia e Ímola. Nas quais, elas pensam como controladoras da situação.

Nas três narrativas a figura da mãe aparece, de algum modo, como relevante nas vidas dessas mulheres, seja o modelo tradicional de mulher e de mãe, sejam outros desenhos. Seria leviano, tomar como referência apenas às classes dominantes para pensar e discutir a família no Brasil⁵⁸, desconsiderando o poder de agência das camadas populares e suas possibilidades de organização familiar. Há vários estudos⁵⁹ que seguem nesse sentido, com intuito de evidenciar configurações familiares, considerando possibilidades estabelecidas para além de um modelo rígido, observando contextos geográficos, temporais e econômicos. Se as configurações são múltiplas, o são também, os papéis sociais de quem as compõe. Assim como a família, a imagem da mulher, ou melhor, imagens⁶⁰ de mulheres, têm se transformado constantemente na sociedade, pois os aspectos como raça e classe determinavam e continuam, de algum modo, determinando seus papéis, social e

⁵⁶ Em alguma medida, os estudos sobre juventudes abordam, ou são atravessados, por relações e conflitos intergeracionais. Posso citar alguns importantes estudos realizados na UFPA: Leila Ferreira (2013, 2019); Lucélia Ferreira (2017), Bruno Borda (2008, 2016); Rosali Brito (2014) Mário Xavier (2000), Ivone Corrêa (1998) e Jorge Santos (2011). Pensando numa perspectiva nacional e internacional no que se refere a teorias sobre juventude, é possível citar, ainda, entre outros Gilberto Velho (2006); Marília Sposito (2010); Antônio Groppo (2000); Esteves e Abramovay (2007); Regina Novaes (2007); Juarez Dayrell (2003) e Jon Savage (2009).

⁵⁷ Nas relações narradas por minhas interlocutoras, no universo aqui estudado, são observadas interações recíprocas, no sentido Maussiano, posto que “dar e receber” está para além da troca material, neste sentido, nas relações estabelecidas com “clientes”, ocorrem trocas de afetos, favores, sexo, bens, conselhos, carinho, desse modo, vai além da “venda” de serviços sexuais. Para Marcel Mauss (1974), na interação recíproca ocorre a troca espiritual, ao darmos algo, depositamos um pouco de nós mesmos no que doamos e ao aceitar algo doado, ao aceitarmos uma doação, recebemos parte dele mesmo. O que justifica o uso do termo intercâmbios afetivo-sexuais e econômicos, dada a complexidade vivenciadas nas relações narradas pelas interlocutoras da pesquisa, ao transitarem no universo do mercado sexual.

⁵⁸ Mariza Peirano (1981).

⁵⁹ Dentre outras: Maria Angelica Motta-Maués (1977;1993; 1994; 2004; 2009 e 2012), Claudia Fonseca (2004; 2002; 2008), Ângela D’Incao (1989; 1992; 2004); Ana Lúcia Nauar (2002; 2007); Lana Macedo (2012); Mariza Corrêa (1981); Gilberto Velho (1987); Lia Zanotta Machado (1984; 2001).

⁶⁰ Sabe-se que o papel da mulher, ao longo da história, esteve atrelado a raça e classe social. A mulher branca, casta, educada para casar ser mãe; a “mulata” para o sexo e a negra para o trabalho.

historicamente estabelecidos, bem como seu lugar no ambiente familiar. Em que talvez ocorra primeiramente a configuração de sua posição e se espraie para sociedade, ressignificando imagens e papéis sociais.

As falas das interlocutoras, corroboram essa redefinição dos papéis possíveis de serem assumidos pelas mulheres em várias dimensões sociais, ao passo que as interlocutoras expressam suas expectativas acerca da postura da mãe, ou como se pensam nessa relação, no contexto da família e para fora dela, por vezes de modo mais aproximado e noutros mais distantes do projeto civilizatório. Maia, ao relatar sobre o período em que trabalhou num hospital, na região metropolitana de Belém, afirma: nesse período,

comecei a ter comportamentos estranhos, tristeza profunda, vontade de morrer, não sentia vontade de sair de casa, às vezes só queria chorar, crises fortíssimas de ansiedade, daí minha mãe dizia ‘olha, tu tens que procurar um psicólogo, psiquiatra, tu tens que procurar, vai lá, te cuida’. Não deveria ser a postura de uma mãe, né? (Maia, via *WhatsApp*, 2019).

Ela demonstra sua expectativa sobre a noção de cuidado que uma mãe deveria ter, considerando a figura materna para a cultura ocidental, a noção de dedicação e zelo com os filhos e que, para ela, sua mãe frustra, ao definir a relação existente entre elas como sendo de amizade, de irmãs e não mãe e filha.

Enquanto Maia questiona o lugar que sua mãe ocupa em sua vida, fugindo, segundo ela, dos padrões sociais de responsabilidade e cuidado com seus rebentos, indicando, ao invés disso, um lugar de parceria e amizade, Ímola, por sua vez, educada numa família evangélica, “rígida”, fala sobre as dificuldades de estabelecer diálogos. “[...] não tive muita orientação em casa, minha mãe não conversava sobre menstruação, namoro, muito menos sobre sexo, tive que aprender sozinha [...]”. A relação descrita por Ímola revela, além das restrições de diálogos com a mãe, suas memórias de infância, os abusos causados por seu padrasto e a insatisfação frente à postura de sua mãe traduzida na afirmação de que: “ela ainda está com ele”. Essa fala remete a várias outras realidades nas quais mulheres vivenciam processos de violência perpetrada pelo companheiro e, ainda assim, a relação é mantida. Aqui abrem-se várias possibilidades para discussão, por breve que possa fazê-la aqui, sobre a lógica patriarcal, a dominação masculina e a relação de subalternização das mulheres, a perspectiva

moral, a dependência financeira e afetiva feminina, a desproteção do Estado e da sociedade, a culpabilização da vítima.

Mary Del Priore (2004), aponta que até meados da década de 1970, o universo feminino apresentava-se, e, podemos dizer, muito ainda se apresenta, dicotomicamente dividido entre as “mulheres honestas” e “naturalmente” guardiãs da honra feminina e da família burguesa, e as prostitutas (“mulher pública”), seres apócrifos, que subverteriam a ordem, pondo em risco os valores e regramentos fundamentais à preservação da saúde da vida social. À mulher foi atribuído um conjunto de comportamentos e sentimentos e a liberdade sexual não faz parte deste conjunto de atribuições. Desse modo, é entendida como afrontosa a maneira desprendida como mulheres, que praticam intercâmbios sexuais e econômicos, as “putas”, lidam com o sexo; às mulheres estaria destinada à afetividade e o distanciamento da pulsão sexual. A “mulher pública” destoaria da idealização do feminino, sendo entendida como um ser abjeto, sujeitando seu corpo para o uso dos outros, como um ‘objeto sexual’. Seguindo essa mesma trilha, ou parecendo fazê-lo, ocultar os intercâmbios sexuais e econômicos dos núcleos familiares faz parte do conjunto de estratégias mobilizadas pelas interlocutoras para transitar nas diversas “esquinas” de seu protagonismo como acompanhantes. Posto que, pertencer a uma “família” tem maior significado do que qualquer ligação com outras pessoas e instituições (Da Matta 1987).

Os cuidados dedicados para a manutenção das atividades paralelas em sigilo, são recorrentes nas narrativas aqui trazidas, especialmente nas de Melody e Ímola. Seria para proteger sua família ou a si mesmas das reações de seus familiares? Suas performances são acionadas de acordo com o cenário, a identidade (personagem) assumida, a conveniência de seus interesses, compondo um conjunto de estratégias desenvolvidas para criar possibilidades de transitar nos espaços, com o objetivo de obter recursos financeiros para “comprar o gás, água, pagar meus cursos e minhas despesas pessoais”, e/ou para além disto; no caso de Melody, para minimizar a leitura que sua família tem a seu respeito, por ter mais 30 anos e não ter uma renda que possibilite maior contribuição nas despesas da casa, como dito por ela.

As falas possibilitam a percepção das relações familiares/parentesco, que, como afirma Luís Batalha (1995), são estabelecidas “designações” para os “parentes” nas relações entre si, não restringindo-se à consanguinidade, como no caso de Melody, tendo em vista que o ambiente doméstico em que vive é dividido com mãe, irmã, cunhado e sobrinha; Ímola, na convivência com sua mãe, padrasto e irmãos; e por fim, Maia, ao narrar sobre sua relação com sua mãe e seu genitor, que mesmo convivendo no mesmo ambiente doméstico, como ela mesma disse, “ele não é meu pai” (Maia, trecho de entrevista, 2019). Relações essas (de parentesco) que são entremeadas por tensões (expectativas, projeções e frustrações), atravessadas por marcadores sociais da diferença (geração, classe, gênero e raça), e aqui devo me ater, especialmente, aos marcadores de classe e gênero, tendo em vista que são os que apresentam mais nitidamente, considerando as limitações para realização desta pesquisa, como venho relatando ao longo deste texto.

Nos deparamos com inúmeras contradições nesse modelo de sociedade. As instituições, que, ao menos em tese, teriam o papel social de garantir proteção, são, em muitos casos, violadoras de direitos. A família também é o lugar onde inúmeros casos de abusos e assédio ocorrem⁶¹, mulheres estupradas por seus maridos, meninas violentadas por seus pais e tios, sob a “proteção” da família, os agressores, preservados pela moral e os “bons costumes”, “homens de bem” tiveram a honra preservada e limpa. Ímola faz parte dessa estatística, sofreu abusos por parte do padrasto dos 8 aos 12 anos, o que a motivou sair de casa. Nas suas palavras:

passsei por abusos de 8 aos 12 anos e precisei conviver com o causador de tanta dor, pois, minha mãe manteve a relação; ainda hoje está com ele. Aos 15 anos comecei a trabalhar fora de casa, passei por várias experiências, trabalhei em padaria, em restaurante, lojas. Na área que me formei, estagiei em uma instituição, no período que fiz um curso de libras; dessas experiências, duas foram com carteira assinada. Muito jovem me casei, enquanto estava casada, cuidava só da casa, não tinha renda, então a gente se separou, aluguei uma *kitnet* e comecei a trabalhar como faxineira

⁶¹ Ver alguns estudos que apontam violências contra mulher em vários contextos, especialmente no ambiente doméstico, familiar e as peculiaridades do enfrentamento. IPEA. A Violência Contra a Mulher; Data Popular. 2015; Instituto Patrícia Galvão. O que a sociedade pensa sobre a violência contra as mulheres. 2013; Diniz, Débora; Gumieri, Sinara. Implementação de medidas protetivas da Lei Maria da Penha no Distrito Federal entre 2006 e 2012; Saffioti, Heleieth I.B. Violência Contra a Mulher e Violência Doméstica. Rio de Janeiro, 200; Saffioti, H.I.B. A síndrome do pequeno poder. In: Azevedo, M.A., Guerra, V.N. de A. (orgs). Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder. São Paulo: Inlgu Editora, 1989, p. 13-21.

em alguns condomínios de luxo em Belém (Ímola, interlocutora da pesquisa, via *WhatsApp* em 10/10/2019).

O casamento⁶², em muitos casos surge como uma possível “libertação” dos problemas vivenciados na família de origem, prática comum em contextos de baixa renda. Os acessos restritos e perspectivas profissionais limitadas, são fatores que podem favorecer a percepção do casamento como uma possibilidade de sair da dependência familiar (Heilborn et al. 2006), além de ser enaltecido por narrativas/discursos⁶³ passadas de geração em geração acerca do lugar que a mulher deve ocupar na casa, na sociedade, no mundo. Mas o caminhar da vida, de cada história, por vezes segue outras notas, que destoam daquela orquestrada, seja criando formas de ser e de estar, seja reagindo às situações impostas pela vida.

Melody e Maia, relataram sobre suas experiências afetivo-sexuais e como tais vivências e modos de se relacionar, mais livremente, podem ter contribuído para a prática de intercâmbios sexuais e econômicos. A visita a sites de “relacionamentos casuais”, no caso de Melody, já se apresentava como uma prática corriqueira como afirmado por ela: “eu já era danada, tinha vários parceiros casuais, que conhecia em sites de relacionamento, então pensei em receber pra fazer o que já fazia de graça”. Maia evidencia sua afeição pelo

lance da erotização. Sempre curti o sexo em si. Em 2019 eu fui à uma boate e um cara, como muitos, demonstrou interesse em ficar comigo e eu brinquei ‘eu sei que você quer ficar comigo, eu cobro R\$150,00 e ele topou’, eu fiquei surpresa com aquilo tudo, mas fui e foi bacana, eu já transaria com ele sem cobrar, então foi prazeroso pra mim, excitante, inclusive pela brincadeira que me fez pensar que eu poderia ganhar uma grana fazendo isso, ganhei esse dinheiro tão fácil (Maia, entrevista em 13/09/19).

Ímola, relata acerca do momento em que sua mãe soube de sua atuação na boate. Diz ela que: “foi um choque, porque eu era evangélica, então eu tinha uma cabeça fechada, fiquei em depressão por três meses, como se eu estivesse morta em vida”. Nesse momento é notória a autopunição, pautada na moral que a socializou, em sua orientação religiosa, na educação familiar que obteve e nas expectativas da sociedade sobre os papéis assumidos, nesse caso, pela mulher. O ingresso “na noite” não é nunca uma opção pensada pelas famílias,

⁶² Gonçalves (1999); Nauar (2007); Alencar (2011; 2013); Heilborn (2006).

⁶³ Disseminadas pelas instituições que nos socializam como: a religião, a escola e a família. Ver Foucault (1984; 1988).

tendo em vista a percepção impregnada no imaginário social, de ser esta uma atividade criminalizada e marcada por estigmas; a depressão, assim, se apresenta como uma autopunição, o adoecimento pelo não cumprimento de expectativas sociais.

Nenhuma das interlocutoras deste estudo afirmou ter vivenciado algum tipo de violência ao atender seus/suas clientes, ainda assim, demonstraram, veementemente os cuidados e a percepção acerca dos riscos que perpassam pela prática dos intercâmbios sexuais e econômicos, sejam os julgamentos morais, sejam agressões físicas. Pelo que dizem, elas desenham uma trama diária para transitar nessas “esquinas”, cuidando da saúde de seus corpos, da integridade física e mental, desenhando direções para além das “esquinas”, construindo estratégias, para seguir seus projetos de vida e um dia sair das “esquinas” – meta que todas três, fortemente, declararam perseguir, mesmo já estando há certo tempo “na noite”, em seu discurso essa atividade, esse “trabalho”, é “passageiro”.

2.1 “Na batalha”⁶⁴

O acesso à formação acadêmica, atuar na área de formação, passou a estar mais fortemente presente nas expectativas do grupo social que recebeu inúmeras denominações como “nova classe trabalhadora”, “nova classe média”, “baixa renda” ou “classe c” numa linguagem economicista de mercado (Facioli 2017). Em 2002, esse grupo representava em torno de 44% da população brasileira. As narrativas aqui trazidas são de pessoas que compõem uma realidade de mais de 50% dessa população. É possível notar nas três narrativas que as trajetórias de suas famílias, poderiam ser identificadas como de baixa renda: as mães “donas de casa”, os pais/padrasto provedores, ambos com educação básica inconclusa. O receio em serem identificadas por quem lê este texto, as motivou a ocultarem informações, como a profissão de seus pais/padrastos.

Ímola não atua em sua área de formação, o que remete a um fenômeno presente no Brasil, em que a formação acadêmica não é algo diretamente proporcional à

⁶⁴ Expressão proferida por Melody, durante entrevista.



empregabilidade⁶⁵. A emergência em levantar recursos e pagar o aluguel da casa, dentre outras necessidades, a procura por emprego em sua área de formação malsucedida, em certo momento, a levam a trabalhar como diarista, “a grana que eu tirava, não dava pra bancar as despesas. Porque uma faxina, há quatro anos atrás, era R\$40,00, R\$50,00”. Tal qual no estudo de Marina França (2017:144). Segundo a autora,

[...] as mulheres encontram muitas vezes dificuldades para encontrar um emprego por estarem fora do mercado de trabalho, terem baixo capital escolar e profissional, e se depararem com empregos precários e mal remunerados. A maioria de minhas interlocutoras trabalhou – antes, ao mesmo tempo ou após a saída da prostituição – como empregada doméstica, ou teve outros empregos tipicamente femininos, como o de costureira, garçonete ou vendedora.

Então Ímola, assim como Melody e Maia, enxerga como possibilidade os intercâmbios sexuais e econômicos; pede “ajuda”, nesta intenção, ao engenheiro que a havia contratado para fazer diárias e cuidar de sua mãe idosa; ele a leva até uma casa noturna que frequentava, onde Ímola começa a atuar como dançarina e, posteriormente, como garota⁶⁶.

Seguir caminhos condenados socialmente, provoca ecos que a levam à dor moral. “Sabes tu chegares com o dinheiro (logo que eu comecei dinheiro não foi problema, faturava R\$600,00, R\$1.000,00) e ao invés de eu sair e aproveitar, preferia ficar em casa, pois, quando eu saía, a sensação era a de que todas as pessoas que me olhavam, soubessem o que eu estava fazendo” (Ímola, via *WhatsApp*, 2019). O sistema moral presente em sua percepção sobre o julgamento que as pessoas fariam dela, se reflete em sua fala, que aponta uma justificativa para o ingresso nos intercâmbios sexuais e econômicos. Seu quadro de adoecimento⁶⁷ se apresenta como uma decorrência do “desvio moral” ao atuar como *garota* e pela dificuldade de aceitar a si mesma, ao problematizar sua escolha de reação frente às adversidades apresentadas a ela, além das dores causadas pelas violências sofridas na adolescência. “Eu entrei nessa vida pra não voltar pra casa da minha mãe” (Ímola, via *WhatsApp* em 2020),

⁶⁵ Seria a capacidade de enveredar em projetos novos e distintos, com adaptabilidade, criatividade e flexibilidade. “designa a capacidade de que as pessoas precisam ser dotadas para que se recorra a elas nos projetos. A passagem de um projeto para outro é a oportunidade de aumentar a própria empregabilidade. Este é o capital pessoal que cada um deveria ter constituído pela soma de suas competências mobilizáveis” (Boltanski & Chipallo 2009:126). Elemento importante para as reconfigurações do capitalismo, capacidade de adaptação para múltiplas explorações, dada a extrema competitividade fomentada por esse sistema.

⁶⁶ Expressão utilizada por Ímola ao referir-se ao seu trânsito nos intercâmbios sexuais e econômicos.

⁶⁷ Paiva et al. 2020.

local onde sofreu abuso por parte do padrasto. O possível retorno à casa de sua família de origem traz à tona lembranças de um tempo vivido que Ímola quer esquecer, a busca por autonomia, inclusive financeira, se apresenta como um propulsor que promove o encorajamento para buscar uma solução. O ingresso “na noite” como alternativa para seguir em frente.

Para Melody e Maia, o uso dos recursos digitais (*apps* em seus celulares, bem como as plataformas para postagens de seus perfis) se apresenta mais expressivo desde o início de suas atuações no universo aqui discutido, a “facilidade” possibilitada pelas tecnologias da informação, os *apps* e *sites*, o gerenciamento de seus perfis, visibilizando e invisibilizando quando conveniente, possibilitando a seletividade de clientes e maior comodidade para administrar as atividades desenvolvidas cotidianamente (estudo, trabalho, lazer) e, como afirmado por elas, a possibilidade de ocultar de quem se quer ocultar, especialmente de familiares e colegas de trabalho.

O trânsito nas “esquinas” virtuais, assim como naquelas *off-line*, é entendido, como um outro trabalho, possibilidade de contribuição com o rendimento da família, também como forma de “preservação da identidade” (Maia, interlocutora da pesquisa, via *WhatsApp*), que, em muitos casos, supera o rendimento gerado noutras atividades. Atuar como acompanhante⁶⁸ se apresenta como possibilidade de adquirir autonomia financeira/econômica. Desse modo, os intercâmbios sexuais e econômicos, em alguma medida, “oferecem condições de trabalho iguais ou melhores que outros subempregos femininos, possibilita maior renda” (França 2017:144). O que se dá com as três interlocutoras, como já dito, anteriormente, por Ímola. Tomando como exemplo a situação de Melody, se considerarmos a média de três programas por semana (em torno de R\$1.800,00 ao mês), o que se, comparado com o rendimento do local onde oficialmente trabalha meio

⁶⁸ Nomenclatura utilizada por Melody e Maia ao nomear suas práticas nos intercâmbios sexuais e econômicos, e inclusive, está presente nas quatro plataformas utilizadas pelas interlocutoras para publicizar perfis e negociar os serviços oferecidos por elas, sites de acompanhantes, acompanhantes de luxo, tais denominações variam de acordo com o perfil dos sites e das acompanhantes, o que impacta também no preço do programa, conseqüentemente, no perfil socioeconômico de clientes que pagam por seus serviços.

período (manhã), recebendo menos de um salário-mínimo⁶⁹, a soma dos programas é superior, se observa que o valor que ela recebe lhe permite satisfazer outras necessidades para além das triviais, pois nem sempre os intercâmbios se dão com retribuição/recebimento em dinheiro. Melody afirmou: “eu sou a mais criticada por ganhar menos, na despesa do mês eu não posso ajudar. Moram cinco pessoas na casa (eu, minha mãe, a minha irmã, meu cunhado e minha sobrinha). Eu ganho muito pouco, trabalho na área de educação ganhando R\$500,00, muito abaixo do piso (não é nem o mínimo estabelecido para a categoria) e eu tive que fazer isso pra complementar a necessidade da minha casa: comprar um gás, uma água mineral, comida, além de minhas necessidades (roupas, viagem, passeios...) porque quem sobrevive com 500 reais?” (Trecho da entrevista, 2018).

Melody relatou sobre as ajudas que recebia quando iniciou intencionalmente intercâmbios afetivo-sexuais e econômicos. No período da conclusão de sua graduação, conheceu o vizinho de um amigo e, como ela diz, “ele me ajudava, dando dinheiro, mandando alguém fazer alguma coisa no meu trabalho, formatação, revisão gramatical e normas da ABNT” (Trecho de entrevista, 2018). Assim como noutras cenas, as trocas econômicas se fazem por meio de favores, presentes, além de dinheiro.⁷⁰ As cobranças estabelecidas pela família para manutenção das despesas da casa e a precarização do trabalho exercido por Melody na educação, se tornam propulsores para o seu caminhar nessas “esquinas”. Não estamos mais no século XVI, período em que mulheres recebiam um terço do salário, já diminuto, dos homens e não conseguiam custear suas necessidades com o trabalho assalariado e com a retirada dos recursos das terras que poderiam possibilitar o trabalho na agricultura ou no setor manufatureiro, cenário propício para o exorbitante aumento da prostituição nesse período (Federici 2017)⁷¹. No entanto, é possível observar sujeições que, como o caso de Melody, as pessoas vivenciam para se manter no mercado de trabalho com

⁶⁹ O salário-mínimo nos últimos três anos: 2018: R\$ 954,00; 2019: R\$ 998,00 e 2020: R\$ 1.039. Disponível em: < <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/01/02/salario-minimo-de-r-1-039-ja-esta-em-vigor> >

⁷⁰ Como notado também nos estudos de Piscitelli (2011) Olivar (2011).

⁷¹ Conforme afirmado por Silvia Federici em “O Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva” (2017).

algum rendimento, ou seja, a flexibilização e precarização⁷² do trabalho em vários segmentos, tendo em vista que tais processos integram a lógica, a racionalidade neoliberal⁷³.

Como pode ser percebido nos parágrafos acima, as três interlocutoras deste estudo são graduadas, com licenciatura, das quais, uma com formação em geografia e duas com formação em pedagogia⁷⁴, o terceiro maior curso de nível superior do Brasil, cerca de 655.813 (seiscentos e cinquenta e cinco mil, oitocentos e treze) pessoas matriculadas, sendo 92% mulheres, (Inep 2015). As licenciaturas, especialmente Pedagogia, bem como áreas vinculadas ao cuidado (como enfermagem, odontologia e serviço social), são predominantemente cursadas por mulheres, havendo mesmo um imaginário social que avalia tais áreas como “femininas”, sendo estas também áreas com menor prestígio social e financeiro, o que difere de áreas de engenharia, direito e medicina, ainda predominantemente cursadas por homens.⁷⁵

Outro ponto importante para refletir é que as mulheres, mesmo sendo a maioria com escolaridade superior, ganham menos que os homens, quando atuam na mesma área, ou ocupam o cargo e formação equivalentes, como aponta o estudo “Estatísticas de Gênero: Indicadores Sociais”, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A pesquisa tomou como base o grupo de pessoas com idade a partir de 25 anos, com ensino superior completo em 2016, 23,5% mulheres e 20,7% homens, em comparação a homens e mulheres pretas ou pardas, os percentuais são de 7% entre os homens e 10,4% entre as mulheres. Regina Madalozzo, PhD em Economia e professora do Insper, aponta que as mulheres são maioria no ensino superior desde o início dos anos de 1990, e tal formação esteve mais concentrada na licenciatura, especialmente Pedagogia, neste país, em que a prática da docência (historicamente “feminina”) é pouco valorizada. Observar os dados que

⁷² Judith Butler (2018) em *Corpos em Aliança e a Política das Ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia*; Guy Standing e Cristina Antunes (2013) em “O Precariado: a nova classe perigosa”.

⁷³ Ver “A nova Razão do Mundo”, de Pierre Dardot e Christian Laval (2016), obra em que os autores pretendem demonstrar as especificidades do neoliberalismo como racionalidade totalizante em sua capacidade de gestão das ameaças à perpetuação do capitalismo contemporâneo.

⁷⁴ Somente em 2015 foram em torno de 655.813 pessoas matriculadas no curso de Pedagogia, sendo 92% mulheres, configurando-se o terceiro maior curso superior do Brasil (Inep 2015).

⁷⁵ Ver tese de Renata Macedo (2019), intitulada “Escolhas possíveis: Narrativas de classe e gênero no ensino superior privado”, que “analisa as relações entre estudantes universitários, mercado de ensino superior e marcadores sociais da diferença (classe e gênero em especial)” (Macedo 2019:06).

revelam as mulheres ocupando o lugar de menor remuneração, está diretamente ligado aos dados que apontam sua maior atuação nas licenciaturas, reafirmando o desvalor atribuído à docência no Brasil. (Macedo 2019)

Corroborando os indicadores referidos acima, as falas aqui ensejadas, assim como outras que as três interlocutoras tanto me referenciaram, apontam para uma baixa remuneração e a não inserção no mercado de trabalho nas áreas de suas formações. Maia, Melody e Ímola revelam ter vivenciado experiências profissionais dissonantes em relação à sua formação acadêmica: recepcionista, vendedora, faxineira, foram atividades vivenciadas, mesmo depois de terem concluído a graduação. Além dessas experiências, suas trajetórias, são marcadas pela prática da docência, com baixa ou nenhuma remuneração, para o caso de Ímola que atuou como estagiária, como afirma Melody: “Eu trabalho nessa instituição, há 4 anos, quando eu comecei lá eu ganhava 300 reais, trabalho meio período” (Trecho de entrevista, 2018).

Maia fala acerca de como passou a pensar em trocas sexuais remuneradas:

[...] tudo começou da seguinte forma, eu sempre gostei do lance da erotização, sempre curti o sexo em si, comecei a analisar a possibilidade de ganhar dinheiro com isso a partir do momento que eu não consegui emprego. Eu formei em 2016, fiquei mais ou menos 3 anos sem conseguir emprego e daí, precisava de dinheiro. Daí, indo às festas, sacava os caras que estavam a fim, eu chegava e falava pros caras, ‘seguinte, tu quer sair comigo, tu quer transar comigo, é R\$150,00 o cachê’, não tinha foto, não tinha nada, não tinha nem o corpão ainda, a partir do primeiro, amiga, tudo aconteceu (Maia, trecho de entrevista em 22/10/19).

Fica evidenciada, assim, a forte motivação financeira, presente nas falas das interlocutoras deste estudo e diversas outras pesquisas já citadas, que ressaltam a necessidade de complementação de renda, — bem como a busca por ascensão econômica e social, que fica intrínseca⁷⁶ —, o desemprego, ou a precarização do trabalho⁷⁷, que levaria a tal escolha.

⁷⁶ Como também notado em pesquisas como a de Costa (2018) e Guimarães (2005).

⁷⁷ “Nesse momento, em que economia neoliberal estrutura cada vez mais as instituições e os serviços públicos, o que inclui escolas e universidades, em um momento em que as pessoas, em números crescentes, estão perdendo casa, benefícios previdenciários e perspectiva de emprego, nós nos deparamos, de uma maneira nova, com a ideia de que algumas populações são consideradas descartáveis. Existe trabalho temporário ou não existe trabalho nenhum, ou existem formas pós-fordistas de flexibilização do trabalho que lançam mão da permutabilidade e da dispensabilidade dos povos trabalhadores” (Butler 2018:17)

Federici (2017) afirma que para as mulheres, sexo sempre foi trabalho, compondo o labor doméstico, sendo esse o contrato de casamento. Poderia dizer, então que o casamento também é perpassado por intercâmbios afetivo-sexuais e econômicos, na medida em que negociações e acordos são estabelecidos? Estariam eles tão distante dos intercâmbios vivenciados nas esquinas, sejam elas *off-line* ou virtuais? Para Piscitelli (2011), trocas de sexo por dinheiro ocupam uma dimensão ampla, na qual mercado do sexo e casamento compõem a noção de “economias sexuais”, possibilitando a articulação dessas nuances. Desse modo há distintas modalidades e intensidades de afetos nas trocas de acordo com o contexto, sendo pertinente considerar as “distinções nas socialidades envolvidas e nos deslocamentos entre as práticas e os estilos de afetos” (Piscitelli 2011:553).

Nos relatos aqui apresentados, é possível notar que o trânsito nas “esquinas virtuais”, se dá sem uma frequência contínua, (aspecto que terá maior enfoque mais adiante), de acordo com suas demandas pessoais, dentre elas, a financeira, como no relato de Maia, ao narrar sobre sua saída de casa e a necessidade de se rearranjar. Em suas palavras: “Não estava nada programado pra mim vim, senão já tinha comprado geladeira, fogão essas coisas e acabou que tô aqui, mana. Todo dia tô almoçando fora, jantando fora, gastando um dinheiro que não tenho. Tive que fazer dois programas, cada um, duzentos reais, pra pagar o aluguel daqui e mais um pra pagar o frete” (Maia, via *WhatsApp*, 2019).

Os olhares lançados às mulheres que vivenciam/praticam intercâmbios sexuais e econômicos nas “esquinas”, são, de certo modo, perpassados por categorias de acusação. Como o uso do termo puta⁷⁸, denotado pejorativamente, preconceituosamente, como um termo degradante que carrega consigo uma significação conhecida, social e culturalmente, como expressão acusatória que revela uma conduta transgressora da moral vigente. Já no contexto da militância, o termo é assumido e envolto por significado político – como proposto, entre outras, por Lourdes Barreto e Gabriela Leite, ícones da militância pelos

⁷⁸ Mas nem sempre esse termo teve esta significação, inclusive, origina-se do latim *putta*, que significa menina. Há também estudos que revelam narrativas sobre o culto à divindade Puta, deusa da poda das árvores, importante para fertilidade dos frutos. De acordo com essas narrativas, no dia da poda as sacerdotisas (hierodulas) reuniam-se em volta das árvores e ritualisticamente dançavam e cantavam. Os homens poderiam participar desse momento e trocas sexuais aconteciam, desde que dispusessem de alguma oferenda à deusa, chamados de bacanaís sagrados (Roberts 1998).

direitos das prostitutas no Brasil. O termo puta é ressignificado, é vestido de uma conotação política de resistência; Melody afirma que “prostituta é uma palavra muito pesada”, e tal afirmativa, aproxima-se do imaginário social historicamente construído acerca da figura da prostituta/puta, o ser estigmatizado, o desviante, o categorizado, divergente da normalidade, passando a se tornar aberração, diminuído socialmente através do estigma atribuído a ele. A puta é a representação deste ser (Goffman 2008).

Melody narra uma situação em que tal preconceito ficou bastante evidenciado. “Quando chegou no meu trabalho eu me senti humilhada, nunca pensei na minha vida que eu passaria por uma situação dessa, fiquei chocada. Alguém reconheceu algum acessório que eu uso, aí disse ‘olha é a fulana lá, chama ela, isso pode sujar a imagem do local de trabalho, imagina se alguém enxerga, já pensou?’ Belém é pequena” (Melody, Trecho de entrevista, 2018). Esse relato reflete a construção moral que perpassa a nossa sociedade, bem como mostra a estigmatização de quem transita nas “esquinas”, dada a construção sócio-histórica⁷⁹, a moralidade que orienta a racionalidade que atravessa as sociabilidades, inclusive na formulação de rótulos e acusações. O que pode justificar o enorme esforço para manter em segredo o trânsito nas esquinas virtuais, assim como nas físicas, sendo acionadas estratégias para garantir o ocultamento de determinados trânsitos e intercâmbios reprovados socialmente, dissidentes da moral vigente, e, pode-se dizer, que o uso dos recursos digitais surge como estratégia que possibilita, tal “segredo”. Apesar de ainda haver risco de uma exposição indesejada, diante da tentativa, sempre presente, da existência de segurança para manutenção da dupla carreira.

⁷⁹ Alguns estudos são importantes para refletir sobre as relações e organização social ao longo do tempo que balizaram a construção desse imaginário social: Santos (2005); Rago (1992); Mendonça (2014); Stepan (1994); Freyre (2006); Priore (2004). Revisitar esquinas históricas, possibilita a compreensão, ou ao menos uma tentativa, acerca dos entremeios que perpassam nas relações que constituem a prostituição, e que, talvez, tal termo não dê conta de traduzir ou significar as vicissitudes que pululam nas trocas/intercâmbios do que se chama prostituição e do ser histórico, social, cultural, protagonista destas discussões ensejadas aquém e para além do que aqui é proposto, a meretriz, cocote, polaca, dentre tantas outras terminologias para figurar a “puta” que é musa de tantas obras de arte; ela é também figurada na literatura, presente em inúmeros imaginários que compõem essa figura complexa.



2.2 Expectativas para além das esquinas

O aspecto econômico, como vimos, se faz fortemente presente nas motivações para o trânsito nas “esquinas” virtuais, nas situações vivenciadas pelas interlocutoras com as quais dialogamos, bem como noutros estudos. A busca por garantir o custeio de necessidades básicas, ajudar nas despesas da família, pagar a faculdade, juntar uma grana, ampliar o poder de consumo, são algumas das justificativas apontadas pelas interlocutoras. Neste sentido, pretendo aqui apresentar as expectativas e projetos de vida apontados por Maia, Melody e Ímola, nos quais, os intercâmbios sexuais e econômicos se apresentam como alternativa para viabilizar a concretização do projeto de vida que, está fora das “esquinas”, que apresentam-se como uma transitoriedade para o que de fato se pretende, tal qual ocorre nas pesquisas de França (2017) e Costa (2018), dentre outras.

As três interlocutoras possuem formação acadêmica, num mercado escasso de possibilidades e baixa remuneração, a manutenção das despesas substanciais, como estudo e lazer é dificultada e o trânsito nas “esquinas” possibilita o “levantamento de uma grana mais rápida”, como disse Maia, “pra bancar o que preciso, uma emergência”, continuou ela. Ou Melody:

não pretendo continuar, porque eu tenho minha profissão, o que está faltando é só uma oportunidade, como eu falei, tem meninas que eu vejo em grupos que também precisam de uma oportunidade, tem outras que não, gostam de ficar porque sabe que ganha bem. Têm meninas que cobram 200 reais a hora, se faz 4, 5, 6 programas, dá pra tirar até mais de um salário num dia. É uma das alternativas, não pra mim, não é meu foco, meu foco é outro, mais lá na frente eu vou sair, tanto que eu tô batalhando, né? (Trecho de entrevista, 2018).

Trabalhar na área de formação, fazer outra graduação, ter reconhecimento, o respeito dos familiares e da sociedade são obstinações presentes, principalmente nas falas de Melody e Maia, permitindo e sugerindo, desse modo, refletir sobre as estratégias criadas pelos indivíduos em sociedades orientadas por uma ideologia individualista. Torna-se relevante pensar na percepção de biografia, ou seja, suas trajetórias de vida, o modo como seus caminhos têm sido trilhados individualmente, sabendo que suas escolhas estão interligadas a um contexto mais amplo ao considerar as demarcações de classe, raça, gênero, bem como o aspecto etário, que figuram a vida delas (Maia, Melody e Ímola, tal qual, os

demais sujeitos de uma sociedade). A trajetória dos indivíduos tem uma significação como elemento constituinte da realidade, tornando o indivíduo-sujeito que, para Velho (2003) precisa delinear projetos para lidar com a heterogeneidade que constitui o sistema de valores numa sociedade complexa.

A exigência cada vez maior do mercado, o crescente número de pessoas com diploma, a desvalorização da área das ciências humanas e sociais (bem como, e especialmente, das licenciaturas), as desiguais oportunidades atravessadas pelos marcadores de raça, classe e gênero, que constituem a história do Brasil, conduzem as vidas dos sujeitos que tentam exercer poder de agência, poder de redesenhar sua existência, de criar possibilidades para sobreviver numa sociedade de consumo, racista, classista, desenhada sob a égide do patriarcado e do neoliberalismo.

Desde o início de nossas conversas, Melody apontou, veementemente, o objetivo de atuar somente em sua área de formação e, para isso, buscar outros mercados, como dito por ela:

sei o que quero, sempre deixo meu currículo nos lugares, estou fazendo uma pós-graduação, pra obter mais conhecimento, capacidade; mas será que se eu não tiver uma oportunidade eu tenho como mostrar se eu sou capacitada? Todo mundo precisa de oportunidade [...] preciso sair de Belém, por conta do mercado de trabalho que está ruim, enquanto eu ficar aqui terei que me sujeitar a isso (Melody, via *WhatsApp*, 2019).

A fala de Melody, aponta tanto à “escolha” em atuar como garota, quanto para a sujeição em trabalhar em sua área de formação, de forma precarizada (salário abaixo do piso e sem carteira assinada). Apesar de seu desejo, as dificuldades de inserção no mercado de trabalho, mesmo com graduação e especialização, bem como, o temor de que a suspeita sobre seu trânsito nas “esquinas” virtuais chegue aos espaços onde exerce sua outra atividade, a levam a refletir sobre a possibilidade de sua atuação como acompanhante ser descoberta e dificultar, ainda mais, o surgimento de possibilidades de conseguir outros espaços para atuar em sua formação acadêmica.

Para Maia, Melody e Ímola, trabalhar na área, com maior valorização, seria uma possibilidade de sair da condição de subemprego e não precisar fazer os bicos, que, para elas,



não se configuram como trabalho, à exemplo da venda de serviços de maquiagem de cartão, fazer faxina, venda de roupas ou serviços sexuais, para complementar a renda. Então, alcançar melhores condições significaria, no caso de Melody contribuir mais com as despesas da casa, e não ser criticada pela família, por ter mais de 30 anos e não ter se firmado profissionalmente, não ter estabilidade financeira que a permita custear todas as suas despesas, “[...] e poder ajudar mais em casa[...]” (Melody, via *WhatsApp*, 2019); conseguir um rendimento que garanta se “banca e não voltar para casa da mãe”, como é o caso de Maia e Ímola, ou seja, as três almejam autonomia financeira, reconhecimento profissional e mobilidade social.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidenciam-se as relações familiares, especialmente a figura da mãe, na fala das três interlocutoras, como referência de mulher a não ser seguida, para Melody, por seguir o padrão da mulher dona de casa, não ter estudado, como dito por Melody: “ela não é um espelho pra mim, eu não quero depender de ninguém” (2018); enquanto Maia questiona o lugar que sua mãe ocupa em sua vida, fugindo dos padrões sociais de responsabilidade e cuidado com seus rebentos, indicando, ao invés disso, um lugar de parceria e amizade. Para Ímola, por sua vez, a mãe representa uma figura opressora, conservadora, ela é educada numa família evangélica, “rígida” e fala sobre as dificuldades de estabelecer diálogo com sua mãe.

Fica evidenciada, ainda, a forte motivação financeira, bem como a busca pela autoria de suas histórias de vida, que seriam distintas das trajetórias de suas respectivas mães. Essa motivação, evidenciada em suas falas e em diversas outras pesquisas, ressaltam a necessidade de complementação de renda, — bem como a busca por ascensão econômica e social, que

fica intrínseco⁸⁰ — o desemprego, ou a precarização do trabalho⁸¹, que levaria a tal escolha⁸², os intercâmbios sexuais e econômicos⁸³, apresentam-se como possibilidade de redesenhar suas trajetórias, financiar estudos, suprimir outras necessidades cotidianas, até o acesso a um emprego na área de formação.

Para as interlocutoras deste estudo, o uso dos recursos digitais⁸⁴ se apresenta com maior intensidade desde o início de suas atuações, no universo aqui discutido, dada a “facilidade” possibilitada pelas tecnologias da informação, os *apps* e sites, o gerenciamento de seus perfis, visibilizando e invisibilizando quando conveniente, possibilitando a seletividade de clientes e maior comodidade para administrar as atividades desenvolvidas cotidianamente (estudo, trabalho, lazer) e, como afirmado por elas, a possibilidade de ocultar de quem se quer ocultar, especialmente de familiares e colegas de trabalho.

Referências

- Angeli, D. 2004. Uma breve história das representações do corpo feminino na sociedade. *Revista Estudos feministas* 264:243–245. DOI: 10.1590/S0104-026X2004000200017.
- Batalha, L. 1995. *Breve análise sobre o parentesco como forma de organização social*. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas: Lisboa.
- Bernstein, E. 2007.: *Temporarily Yours: Intimacy, Authenticity and the Commerce of Sex*. Chicago and London, The University of Chicago Press.

⁸⁰ Como também notado em pesquisas como a de Costa (2018) e Guimarães (2005).

⁸¹ “Nesse momento, em que economia neoliberal estrutura cada vez mais as instituições e os serviços públicos, o que inclui escolas e universidades, em um momento em que as pessoas, em números crescentes, estão perdendo casa, benefícios previdenciários e perspectiva de emprego, nós nos deparamos, de uma maneira nova, com a ideia de que algumas populações são consideradas descartáveis. Existe trabalho temporário ou não existe trabalho nenhum, ou existem formas pós-fordistas de flexibilização do trabalho que lançam mão da permutabilidade e da dispensabilidade dos povos trabalhadores” (Butler 2018:17)

⁸² Federici (1975; 2017) afirma que para as mulheres, sexo sempre foi trabalho, comendo o labor doméstico, sendo esse o contrato de casamento. Poderia dizer, então, que o casamento também é perpassado por intercâmbios afetivo-sexuais e econômicos, na medida em que negociações e acordos são estabelecidos? Estaria tão distante dos intercâmbios vivenciados nas esquinas, sejam elas *off-line* ou virtuais?

⁸³ Para Piscitelli (2011), trocas de sexo por dinheiro ocupam uma dimensão ampla, na qual mercado do sexo e casamento compõem a noção de “economias sexuais”, possibilitando a articulação dessas nuances. Desse modo há distintas modalidades e intensidades de afetos nas trocas de acordo com o contexto, sendo pertinente considerar as “distinções nas socialidades envolvidas e nos deslocamentos entre as práticas e os estilos de afetos” (Piscitelli 2011:553).

⁸⁴ Aplicativos em seus celulares, bem como as plataformas para postagens de seus perfis.

- Bigot, Sylvie. 2009. La Prostitution sur Internet: Entre la marchandisation de la sexualité et la contractualisation de relations affectives. *Genre, Sexualité et Société* 2. Disponível em : <<https://journals.openedition.org/gss/1139>>. Acesso em 01 ago. 2021.
- Bernstein, E. 2008. O Significado da Compra : Desejo, demanda e o comércio do sexo. *Revista Cadernos Pagu* 31:315-362, Campinas.
- Bigot, S. 2009. La Prostitution sur Internet: Entre la marchandisation de la sexualité et la contractualisation de relations affectives. *Genre, Sexualité et Société* 2.
- Boni, V; Quresma, S. J. 2005. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Tese* (2) 1:68-80.
- Butler, J. 2018. *Corpos em Aliança e a Política das Ruas*: notas para uma teoria performativa da assembleia. Civilização Brasileira.
- Costa, V. L. 2018. A Prostituta como “Namoradilha”: o advento do comércio sexual como forma de intimidade. Tese de doutorado em Sociologia, Minas Gerais, p. 284. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-B33LUM/1/tese_vitor_costa.pdf >. Acesso em: 15 dez. 2021.
- Da Matta, R. 1985. *A casa e a rua*: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. São Paulo: Brasiliense.
- Facioli, L. R. R. 2013. Conectadas: uma análise de práticas de ajuda mútua feminina na era das Mídias Digitais. Dissertação de Mestrado em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo.
- _____. 2017. Mídias digitais e horizontes de aspiração: um estudo sobre a comunicação em rede entre mulheres das classes populares brasileiras. Tese de Doutorado em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo.
- Favret-Saada, J. 2005. “Ser afetado”. *Cadernos de Campo* 13:155-161.
- Federici, S. 2017. *Calibã e a bruxa*: mulheres, corpo e acumulação primitiva / Sivia Federici. Título original: *Caliban and the Witch: Women, the Body and Primitive Accumulation* Tradução: coletivo Sycorax São Paulo: Elefante. Disponível em: <http://coletivosycorax.org/wpcontent/uploads/2016/08/CALIBA_E_A_BRUXA_WEB.pdf>. Acesso em: 10 set. 2019.
- Fonseca, C. 1996. A Dupla Carreira da Mulher Prostituta. *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, IFCS / UFRJ – PPCIS / UFRJ (4) 1.
- França, M. 2017. A vida pessoal de trabalhadoras do sexo: dilemas de mulheres de classes populares. *Sex. Salud Soc.* (Rio J.) [online]. 25:134-155. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S198464872017000100134&script=sci_abstract&tlng=pt>, acesso em 10 dez. 2020.
- Freyre, G. 2006. *Casa-grande e Senzala*: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global.
- Goffman, E. 2008. *Estigma*: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. 4d. Rio de Janeiro: LTC.
- Heilborn, M. L.; Bozon, M.; Aquino, E. & Knauth, D. (eds.). 2006. *O aprendizado da sexualidade*: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Garamond/Fiocruz.
- IBGE. 2018. Indicadores Sociais das Mulheres no Brasil, *IBGE Educa*, Matérias especiais. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/materias->

- especiais/20453-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html> Acesso em: 20 dez. 2021.
- INEP. 2015. Apresentação – *Censo da Educação Superior 2015*. Fundação Perseu Abramo. Disponível em: <https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/apresentacao/2015/Apresentacao_Censo_Superior_2015.pdf>. Acesso em: 10 set. 2021.
- Lévy, P. 2004. “O ciberespaço como um passo metaevolutivo”. In: Martins, F. M.; Silva, J. M. (orgs.). *A Genealogia do Virtual: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, pp. 157-170.
- Lins, B. A. 2019. Caiu na rede: mulheres, tecnologias e direitos entre nudes e (possíveis) vazamentos. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-21022020-145523/en.php>>. Acesso em 15 de marc. 2020.
- Lugones, M. 2001. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis (22) 3:935-995. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/>> Acesso em 24 set. 2018.
- Machado, L. Z. 2001. Famílias e individualismo: tendências contemporâneas no Brasil. *Interface-Comunicação, Saúde, educação* (4) 8:11-26.
- Macedo, Renata. 2019. Escolhas possíveis: narrativas de classe e gênero no ensino superior privado. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Marques, G. 2016. *Dialogando com Kimberle Crenshaw* (ou: porque falar de interseccionalidades nos limita). Portal Geledés. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/dialogando-com-kimberle-crenshaw-ou-porque-falar-deinterseccionalidades-nos-limita/>> Acesso em 21 ago. 2018.
- Mauss, M. 1974 [1923-24]. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: _____. *Sociologia e Antropologia*. v. II. São Paulo: Edusp.
- Miskolci, R. 2017. Desejos digitais: Uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica.
- Olivar, J. M. N. 2013. *Devir puta: políticas da prostituição nas experiências de quatro mulheres militantes*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Olivar, José Miguel Nieto. 2014. “Pesquisando prostituição e mercados do sexo: contribuições, debates e novos desdobramentos”. *Revista Ártemis* (18) 1:3-11.
- Oyěwùmí, O. 2004. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. *Codesria Gender Series* (1), Dakar, C., p. 1-8. Traduzido por Juliana Araújo Lopes.
- Pasini, E. 2000 a. “*Corpos em Evidência*”, *pontos em ruas, mundos em pontos: a prostituição na região da Rua Augusta em São Paulo*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- _____. 2001. “Fronteiras da intimidade: uso de preservativo entre prostitutas de rua”. In: Bruschini, C., Pinto, C. (Orgs.). *Tempos e Lugares de Gênero*. São Paulo: Editora 34.

- _____. 2000 b. “O uso do preservativo no cotidiano de prostitutas em ruas centrais de Porto Alegre”. In: Benedetti, Marcos; Fábregas-Martinez, Ana. (orgs.). *Na batalha: Identidade, Sexualidade e Poder no Universo da Prostituição*. Porto Alegre: Dacasa, Palmarinca.
- _____. 2000 c. Limites Simbólicos Corporais na prostituição feminina. In: *Cadernos Pagu* 14.
- _____. 2002. Prostituição e Diferenças Sociais. In: Almeida, Heloísa B.; Costa, R. G.; Ramirez, M. C. e Souza, E. R. de (orgs.). *Gênero em Matizes*. Bragança Paulista, Coleção Estudos CDAPH.
- _____. 2005. Homens da Vila: Um Estudo sobre Relações de Gênero num universo de Prostituição Feminina. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- _____. 2000. Limites simbólicos corporais na prostituição feminina. *Cadernos Pagu* (14):181-200.
- Piscitelli, A.; Gregori, M.F. & Carrara, S. 2004. Apresentação. *Sexualidades e Saberes: Convenções e Fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond. p. 9-35.
- _____. 2008. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, (11) 2. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=AJEZEUyAAAAJ&citation_for_view=AJEZEUyAAAAJ:e_rmSamDkqQC>
- _____. 2012. Feminismos e prostituição no Brasil: uma leitura a partir da antropologia feminista. In: *Cuadernos de Antropología Social* 36:11–31.
- _____. 2011. “Amor, apego e interesse: trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários transnacionais”. In: Piscitelli, A.; Olivar, J.M.N. & Assis, G.O. (eds.). *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas: Unicamp/Pagu. p. 537-582.
- _____. 2016. “Economias sexuais, amor e tráfico de pessoas – novas questões conceituais”. *Cadernos Pagu* (47).
- _____. 2013. *Trânsitos: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo*. Rio de Janeiro: EDUERJ/Clam.
- _____. 2005. Viagens e sexo on-line: a Internet na geografia do turismo sexual. Campinas: *Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu*. Unicamp, pp. 281-326.
- _____. 2016. Violências e afetos: intercâmbios sexuais e econômicos na (recente) produção antropológica realizada no Brasil. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, 42:159–199. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645120>> Acesso em 9 nov. 2021.
- _____. 2016. Economias sexuais, amor e tráfico de pessoas – novas questões conceituais, *Cadernos Pagu* (47). Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cpa/a/S5RPNkLq7qrxK6hFpcRcHQk/?lang=pt> > Acesso em 10 de nov. 2021.
- Velho, G. 2003. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas* (3a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.